

1968

IVAN SERPA

Pinturas

Instituto de arte contemporânea



GALERIA BONINO

Rio de Janeiro Brasil

instituto de arte



GALERIA BONINO

Rua Barata Ribeiro, 578

Rio de Janeiro

Brasil

O BRASIL PERMANENTE

Ivan Serpa é, hoje, um dos grandes nomes da pintura brasileira. E mais do que isto: é um exemplo admirável de probidade criadora, de seriedade artesanal, de fidelidade ao próprio ofício, ao qual dedicou e dedica todo o seu tempo e toda a sua vida. Num País em que a improvisação e a ligeireza frequentemente rarefazem o talento e diluem a profundidade significativa da obra de criação artística, Ivan Serpa surge como o construtor de um testemunho cuja importância lhe garante um lugar perene na história das artes plásticas nacionais.

O artista é, sempre, um intérprete dos movimentos espirituais que agitam o seu tempo. Ele promove o conhecimento emocionado, dinâmico e existencial da realidade, e a força de sua obra depõe, de maneira infalível, sobre a vitalidade de uma cultura e sobre o instinto de sobrevivência de um povo. Não há grande artista que possa existir sem que sua voz, sendo por um lado pessoal e biográfica, deixe de exprimir, concomitantemente, a grande voz geral da comunidade a que pertence. O artista, salvando-se pela obra que constrói, ajuda ao mesmo tempo a salvar o todo social no qual se insere.

A pintura de Ivan Serpa, através de suas várias fases, representa um esforço acuradíssimo de meditação criadora sobre os problemas do mundo e, em particular, sobre os problemas brasileiros. Sua arte não re-

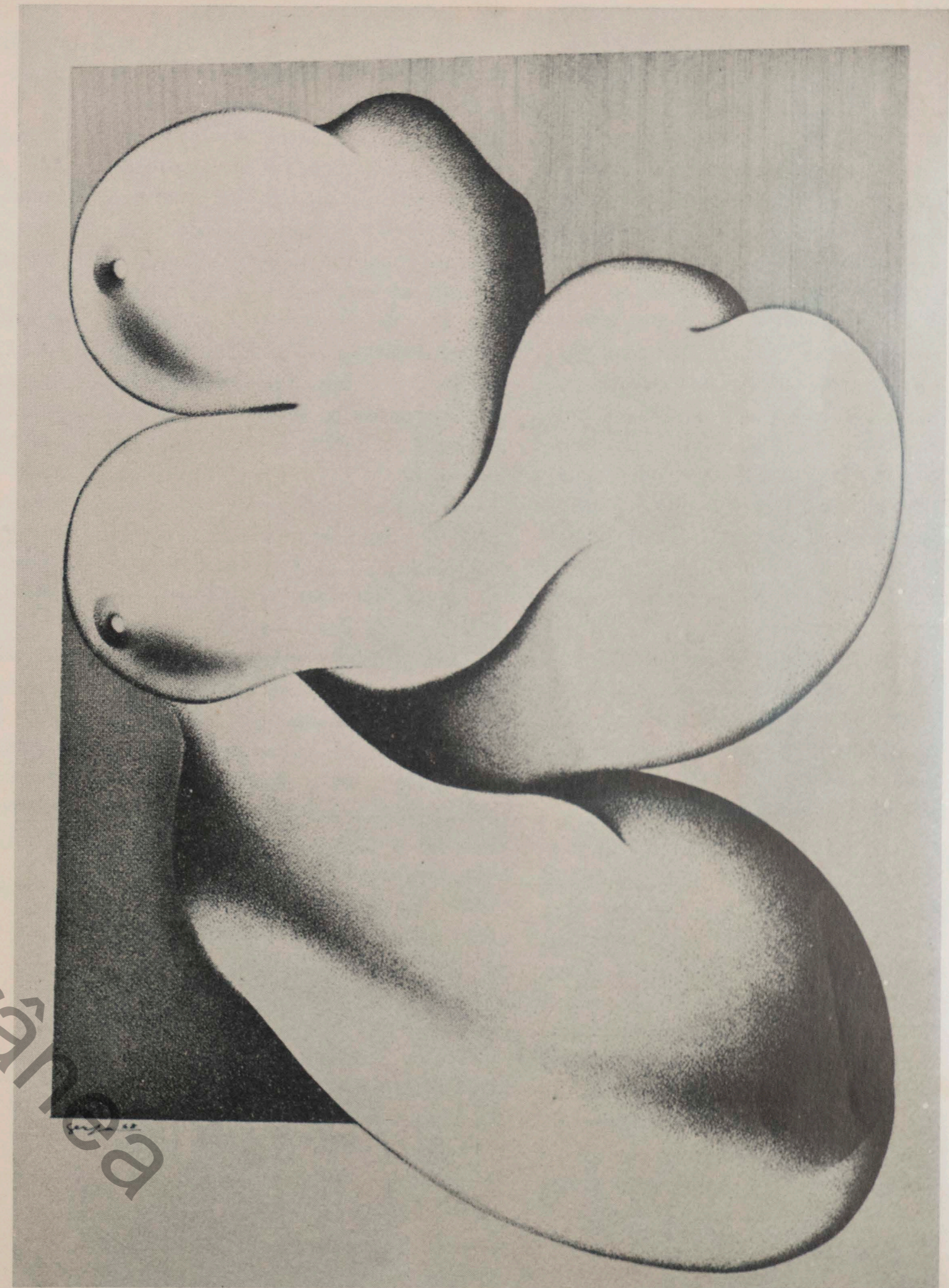
presenta, evidentemente, uma transcrição simplista da realidade. Ela visa ao essencial, àquilo que, em alto nível de abstração criativa, exprime o avanço do homem brasileiro e universal no sentido de sua liberdade e do progressivo florescimento de seus valores humanos.

Ivan Serpa, há duas décadas atrás, fazia pintura abstrata, com um rigor e uma seriedade técnica admiráveis. Diante do mundo de após-guerra, mergulhado no caos e na perplexidade, seu esforço cartesiano e geometrizarante correspondia a uma necessidade ontológica de salvar a razão humana, afirmando o seu primado contra a alienação e o desespero. O ser humano só se realiza como tal na medida que se torna capaz de elucidar a estrutura da realidade, com o objetivo de transformá-la. Naquele tempo, era vital para o homem acreditar nos poderes de sua razão, já que o mundo saíra de uma terrível experiência destrutiva cujo significado irracional parecia derrubá-los. Afirmando o primado da razão, o homem, ao salvá-la, salvava sua possibilidade de modelar e construir o real à imagem e semelhança de sua humanidade.

Ivan Serpa, com paixão lúcida, levou às últimas conseqüências seu caminho abstrato, dele extraíndo a confiança na RATIO humana que lhe permitiu, depois, abrir-se generosamente à dura e dramática realidade brasileira. Sua fase posterior — a FASE NEGRA — se caracteriza por um explosivo poder de denúncia e

de contestação social. O homem brasileiro, esmagado pela miséria, pela exploração e pelo subdesenvolvimento surgiu no trabalho do pintor em toda a sua grandeza trágica. Dono de sua razão crítica, da qual se apropriara na fase anterior de seu trabalho, Ivan Serpa pôde adotar, com rigorosa precisão técnica, a linguagem do expressionismo para revelar toda a extensão do sofrimento brasileiro. Corpos martirizados pela fome e pela doença, rostos incendiados de angústia e de cólera, punhos fechados na dor e no protesto — eis o clima sociológico e psicológico da FASE NEGRA, verdadeiro REQUIEM de côr soturna a exprimir o luto e a tragédia das grandes massas brasileiras.

Na luta, aberto à realidade, sem querer enganar-se e enganar, Ivan Serpa chegou, finalmente, às fontes profundas de sua esperança. Esta esperança, ele não a construiu de olhos fechados, ou de costas voltadas para tudo aquilo que é contradição, dificuldade, aspereza e atraso em nossa consciência nacional. Ivan Serpa sabe que o Brasil é um País difícil, assoberbado de problemas, em busca do seu protagonismo histórico. Sabe que há forças de alienação que nos querem desfigurar, empobrecer, negar, espoliar. De tudo isto sabe Ivan Serpa. Mas sabe, também, que o País existe, e permanece. Em sua última fase, tão bela, tão jovem, tão equilibrada e tão generosa, Ivan Serpa descobriu a PERMANÊNCIA do Brasil, a essência nacional que sobreviveu, so-



brevive e sobreviverá a tôdas as dificuldades. Eis o que, a meu ver, significa a PINTURA AMAZÔNICA de Ivan Serpa. Nela há um frescor inaugural, um lirismo irredutível, uma graça que nada consegue destruir. Ivan Serpa fala de nós, de nosso caráter nacional, de nossa teimosa e irredutível vocação de sobrevivência e de crescimento espiritual.

É o Brasil permanente que encontramos nesta exposição de Ivan Serpa. O tropicalismo dos verdes numerosos, a ingenuidade dos vários tons de rosa, a austeridade do roxo, a delicadeza das gradações cromáticas que se sucedem numa perfeita sabedoria artesanal — tudo isto é lançado no espaço pictórico com um extraordinário poder de organização e disciplina. Ivan Serpa nos revela — não o caos brasileiro — mas a ordem que está nascendo deste caos, a consciência que brota da terra virgem, sem traí-la, mas sem deixar de configurar-se como um grito domado.

Ivan Serpa toma da realidade brasileira a sua luxúria verde, a curva doce e rica do barroco que nos constitui, o lirismo que impregna as manifestações criativas de nossa arte popular e, de tudo isto, constrói as mândalas de sua fase nova, símbolos de maturidade pessoal e de afirmação nacional. O Brasil avança, dolorosamente, na busca de sua consciência histórica. A pintura de Ivan Serpa o testemunha e, ao mesmo tempo, prenuncia vitória.

HELIO PELLEGRINO

OS DESENHOS DE SERPA

O erotismo representado através de uma fusão que, ao mesmo tempo que insinua as partes eróticas, denuncia a anulação do ser dentro de uma unidade ideal. O ser dual que se concentra numa devoração mútua, desdobrando-se em formas que, através do movimento, geram o sentido da vida: o orgasmo, a contração das ostras, a úmida solidão das corolas, o suave limo de uma pedra submersa, a inclinação de seio de uma montanha que emoldura a terra mãe e seu universo de larvas e silenciosa fermentação. Os desenhos de Ivan Serpa nos trazem isso. Debruçado na multiplicação do ponto, tendo em vista a definição de Kandinski de que "o ponto é a forma interiormente mais simples", "um pequeno mundo, mas um menos regularmente isolado por todos os lados e quase arrancado de seus contornos", estes desenhos partem disso, de uma exemplar solidão vertida em severa economia expressiva. Em vez de simplesmente sombrear as doces curvas da carne, Ivan Serpa pontilhou-as, humanizou-as criando uma sombra resultante de mil toques do bico da pena, exaurindo-se numa concentração paciente e tranqüila. A linha, como tensão dirigida, partindo paralelamente registra outro timbre deste mesmo som, que no ponto é o gemido crispado da matéria que goza. Em ponto e linha, elementos fundamentais da raiz gráfica, Ivan Serpa amadureceu estas formas que retratam

o homem num dos atos mais fundamentais (e naturais) do seu existir, o ato de amar. E amar plenamente, é o que se desprende destes desenhos perfeccionistas e despojados, ansiosos de puro movimento, sensuais e metamorfoseados, como se a ação amorosa, em seus âmbitos antropofágicos, gerasse uma terceira natureza, uma raça de desprendidos absolutos, de esquecidos totais, de alucinados do abismo. Assim se vestem estes mergulhadores, desvestidos e irreais, como certos bichos do primeiro dia da criação, quando tudo era surpresa e motivo de temor aos nossos olhos inaugurados. Na verdade Ivan Serpa nos inaugura ainda uma vez o erotismo, restaura o mistério, recupera-o do barateamento com que os desmistificadores de ocasião pensavam enriquecê-lo. Através deles somos outra vez uma forma pulsante boiando na treva, iluminados por dentro, com a pérola secreta da morte roendo as maciezas do nosso transpasse.

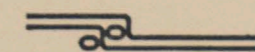
WALMIR AYALA

Rio - agosto de 1968.

*Apresentação do W.
Ayala na Exposição
de Bonino*

«Edições Galeria Bonino»
Catálogo Biográfico

Impresso pelo Atelier de Arte



Rio de Janeiro
Brasil

instituto de arte contemporânea

De 10 a 28 de setembro de 1968

Exposição N.º 95